

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ADRIANA FERREIRA ALVES CARTAGINEZZI

MEMORIAL DE FORMAÇÃO

CAMPINAS

2005

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ADRIANA FERREIRA ALVES CARTAGINEZZI

MEMORIAL DE FORMAÇÃO

Memorial apresentado ao Curso de Pedagogia – Programa Especial de Formação de Professores em Exercício nos Municípios da Região Metropolitana de Campinas, da Faculdade de Educação da Universidade de Estadual de Campinas, como um dos pré-requisitos para conclusão da Licenciatura em Pedagogia.

CAMPINAS

2005

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Cartaginezzi, Adriana Ferreira Alves.
C24m Memorial de Formação / Adriana Ferreira Alves Cartaginezzi. -- Campinas,
SP : [s.n.], 2005.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual
de Campinas, Faculdade de Educação, Programa Especial de Formação de
Professores em Exercício da Região Metropolitana de Campinas (PROESF).

1. Trabalho de conclusão de curso. 2. Memorial. 3. Experiência de vida.
4. Prática docente. 5. Formação de professores. I. Universidade Estadual de
Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

06-068-BFE

A minha família

AGRADECIMENTOS

A Deus pela minha vida.

Aos meus pais Wilson e Célia, por todo sacrifício e amor a mim dedicado e por me ensinarem os valores éticos de verdade, justiça e solidariedade.

Ao meu marido Carlos Roberto Duarte Cartaginezzi, pelo amor, incentivo, paciência e compreensão.

A minha amiga Elizabete Pimentel pelo apoio e colaboração.

SUMÁRIO

<i>APRESENTAÇÃO</i>	05
<i>MEMÓRIAS FAMILIARES</i>	06
<i>PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS ESCOLARES</i>	11
<i>A ESCOLA APARTADA DA VIDA</i>	14
<i>PERCURSOS (TORTUOSOS) DA PROFISSÃO</i>	17
<i>A UNIVERSIDADE</i>	22
<i>RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA</i>	29
<i>E NÃO PARA POR AQUI</i>	47
<i>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</i>	48

APRESENTAÇÃO

O presente trabalho reúne um breve relato e reflexões sobre as múltiplas vivências de minha trajetória.

De um lado está a pessoa humana, com conflitos, alegrias e tristezas.

De outro, minha experiência profissional junto a crianças da escola Municipal na periferia de Campinas e a experiência acadêmica, onde reflito com vários autores sobre as relações entre a influência da transmissão doméstica do capital cultural e as diferenças em relação à educação formal.

É um texto que dialoga com autores que denunciam a influência da política neoliberal que privilegia um “saber cultural” dominante, e tenta por outro lado, quebrar com a lógica capitalista, superando a realidade posta na experiência educacional.

MEMÓRIAS FAMILIARES

*“Ai que saudade que eu tenho”.
Da aurora da minha vida
Da minha infância querida
Que tempos não trazem mais...”.*
Álvares de Azevedo

Ao saber que teria que escrever o memorial contando como se formou a professora que hoje sou, muitas coisas se atropelaram em minha memória povoada de homens e mulheres, muitos dos quais não convivi. Outros, tenho o prazer de guardar na lembrança ainda tão presente.

Posso ainda sentir o toque das mãos que tantas vezes beijei, sentir o cheiro da pele, ouvir o tom da voz e brincadeiras características de minha infância:

“Teco-teco-tereco-teco”

“Esta vida é uma moranga, quando a gente pensa que endireita, zanga...”.

Serra, serra, serrador serra o papo do vovô, quem mandou você serra, uah, uah...

Tudo isto faz parte da pessoa que sou e estão marcadas em mim, não apenas na profissional, mas principalmente nela.

Pensando em minha formação, não consigo ver momentos tão significativos em minhas memórias escolares como os que encontro ao revirar minhas memórias infantis e por isso muitas vezes questionei, já que a escola que frequentei, com seu método tradicional, era tão ruim, como consegui me alfabetizar?

No decorrer de minha formação universitária e profissional, através da leitura e discussão de vários textos, fui pensando o quanto “a leitura do mundo precede a leitura da palavra” (FREIRE, 1982) e percebendo de que maneira meu capital cultural foi importante em alguns aspectos, e por outro lado, como a formação política me fez falta

para garantia de meus direitos e para realização de meu grande sonho: estar aqui na Unicamp!

Venho de uma família mineira (pelo lado materno), muito tradicional, fundadora da cidade Gimirim no Sul de Minas (hoje Poço Fundo de Minas), cheia de coronéis, porém cheia de mulheres também.

Os homens desta família ficavam com o dinheiro e o poder, as mulheres ouviam as conversas, as notícias no rádio antigo e trabalhavam. Cresceram freqüentando escolas rurais, lendo e recitando Marília de Dirceu de Tomás Antonio Gonzaga e o poema do inconfidente Alvarenga Peixoto (1996, p. 974-975);

“Bárbara bela,
Do norte estrela,
Que meu destino
Sabes guiar,
De ti ausente,
Triste somente
As horas passam
A suspirar.

Isto é castigo
Que amor me dá.

Por entre as penhas
De inculta brenhas
Cansa-me a vista
De te buscar;
Porém não vejo
Mais que o desejo,
Sem esperança
De te encontrar.

Isto é castigo
Que amor me dá.

Eu bem queria
A noite e dia
Sempre contigo
Poder passar:
Mas orgulhosa
Sorte invejosa,

Desta fortuna
Me quer privar.

Isto é castigo
Que amor me dá.

Tu, entre os braços,
Ternos abraços,
Da filha amada
Podes gozar.
Priva-me a estrela
De ti e dela,
Busca dous modos
De me matar.

Isto é castigo
Que amor me dá.

(Poema dedicado à sua esposa, remetido do cárcere da Ilha das Cobras.)

Minha avó, menina pequena, de gênio forte que por desejo era Maria Luiza e por registro Maria Hortência, mãos pequenas e ágeis, mulher forte e parideira, mãe de dez filhos, sendo nove mulheres e um homem. Meu avô, o capataz, caboclo bonito, andava dias a pé para pagar promessas em Aparecida, que enfrentava ciganos para defender as terras de seus patrões. Viu a revolução, que carregava homens, mas seus olhos miúdos não podiam ficar longe dos seus.

De mãos rudes, lutando nas roças de fumo e de café, nunca ia dormir sem ninar seus filhos um a um. Um tempo duro, porém doce e ingênuo.

Célia, minha mãe, a terceira filha entre os dez, começou a trabalhar na roça aos três anos de idade, cuidava dos irmãos e freqüentava a escola do seu Nestor.

Antes, precisava terminar toda sua lida, só assim poderia ir à escola. Porém qualquer coisa valia a pena para estar lá, na sala com crianças de várias idades. O professor ensinava desde boas maneiras até política, tudo ao ar livre, na sombra das árvores. Em casa sua paixão era as novelas do rádio.

Cresceu ouvindo discussões políticas, como a de 1960, na qual os dois principais candidatos às eleições presidenciais eram: Jânio Quadros, apoiado pela UDN, e o marechal Henrique Teixeira Lott, da coligação PSD-PTB. Jânio Quadros, carismático, com discurso e comportamento populistas, apresentava-se como um candidato acima dos partidos. Os homens de sua família torciam ferrenhos pelo então candidato a Presidência da República Jânio Quadros, todos com broches da vassourinha em seus casacos. Alguns anos depois, chorou com seus amigos da escola ao ouvir pelo rádio a notícia da morte do presidente católico John Kennedy.

Divertia-se nas tardes com os vizinhos do sítio onde morava. Reuniam-se em mutirão: os homens para trabalhar nas lavouras daqueles que se encontravam em dificuldades, e as mulheres preparando bolos, chás, para, no final do trabalho todos compartilharem a “merenda”.

Um tempo muito feliz, pois apesar de muito pobres, todos estavam unidos e muito próximos; o futuro estava muito distante.

A pobreza e a condição de mulher a obrigaram a deixar a escola aos dez anos, a escola, mas nunca o desejo de aprender e quem sabe um dia se tornar professora...

Com dezoito anos, com o pai doente, minha mãe precisou deixar a casa dos pais para trabalhar como doméstica na cidade de Campinas.

Aqui não tinha trégua, era de segunda a segunda, levantava às seis para pôr o café para os patrões e ia se deitar às vinte e três horas, quando a cozinha já estava arrumada. No fim do mês precisava enviar o dinheiro para pagar as despesas dos pais.

Assim vivia até que conhece Wilson, moço alegre e apaixonado, metalúrgico com estilo James Dean, que enfrentou a família protestante para ficar com ela, católica convicta.

Nasci em 1968, muito doente, porém, muito amada. Meu pai trabalhava na Singer, minha mãe fazia encadernações e cuidava de mim.

Em nossas manhãs, escutávamos novelas de rádio e minha mãe fazia bonecas de pano para eu brincar e cantava, cantava muito:

*“Meu limão, meu limoeiro,
Meu pé de jacarandá, uma vez tindolelê
Outra vez tindolalá...”“.*
*“Fale baixinho, nem o céu vai nos ouvir
Diga que o nosso amor ninguém vai destruir,
Eu te darei a minha vida...”“.*

Outra prática de minha mãe era escrever cartas aos seus queridos que ficaram em Minas.

Nos finais de semana, meu pai nos levava em uma praça pública para vermos as projeções de filmes, entre eles: “Se meu fusca falasse” e no velho cine Carlos Gomes assistimos “Marcelino Pão e Vinho” (esta a foi a primeira vez que fui ao cinema) e a vida de Jesus.

Durante a semana, eu e minha mãe estávamos sempre às voltas com fotonovelas ou com uma coleção de histórias de Hans Christian Andersen, que ela comprou de um vendedor em nosso portão.

Em 1969, meu pai comprou a primeira TV e vimos no ano seguinte o homem pisar na lua. Foi tão inacreditável, quanto vibrar com a seleção brasileira que se sagrou campeã mundial naquele mesmo ano.

Mesmo trabalhando como metalúrgico nunca ouvimos notícias da “tal” repressão, o único sinal que me lembro era o certificado da censura antes da exibição da programação da TV.

PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS ESCOLARES

*“O correr da vida embrulha tudo.
A vida é assim: esquentada e esfria,
Aperta e afrouxa,
Sossega e desinquieta.
O que ela quer da gente é coragem”.*
Guimarães Rosa

Em 1972, minha irmã nasceu e eu fui para escola, o parque infantil EMEI “Padre Hilário P. Magro”. Apesar do “parquinho” ser maravilhoso, para mim era uma tortura, pois achava que minha mãe não me queria mais. Mesmo assim, lá eu começa a colocar em prática as coisas que vivenciava em casa. Ensaiávamos peça de teatro como “O casamento da Dona Baratinha”, nadávamos, brincávamos muito naquele imenso espaço verde, nos tanques de areia e no parque com seus escorregadores, balanças e trepa-trepa.

O parque infantil tinha os moldes dos parques de São Paulo, idealizados por Mário de Andrade, onde se pretendia como uma complementação ao modelo de educação escolar, dar ênfase à cultura e ao lazer. Sua proposta apresentava o binômio educar e cuidar (assistência) indissociáveis, além de defender uma concepção de cultura e criança, onde se reconhece a criança como produtora de cultura, identificando a existência de uma cultura infantil (FARIA, 1996).

Mal sabia o que me esperava no primário. Meu pai comprou uma casa em outro bairro, mas como o inquilino não a desocupou, fui morar com meus avós paternos até que meus pais conseguissem mudar para casa nova perto da escola.

Lembro-me perfeitamente de minha sala na Escola Estadual “Luiz Gonzaga de Moura”, em Campinas, e de minha professora.

Nosso uniforme era uma jardineira xadrez, plissada, com camisa branca. Sentávamos em carteira dupla de madeira e fazíamos muitos exercícios de coordenação motora, ondinha vai, ondinha vem...

As lembranças que trago das duas séries iniciais são: o alfabeto no cartão, que minha avó costurou dentro de um saco plástico para não estragar, atrás de cada letra havia um desenho, a cartilha com lições da “a pata nada”; as gincanas e comemorações cívicas em que cantávamos músicas como “Lampião de gás”. No mais, nada resta.

Já da 3ª e 4ª séries não me esqueço nem do nome de minha professora, que foi a mesma nas duas séries. Por ter sobrenome Santos, se dizia ser parente do apresentador Silvio Santos, e com sua voz rouca de tanto fumar nos divertia muito.

Lembro de termos que saber o nome de todos os ministros de cor e salteado, fazíamos muitas disputas de tabuada, ensaiávamos algumas pecinhas teatrais e brincávamos muito no recreio de roda, de amarelinha e de pular elástico e morríamos de medo da loira com algodão no nariz, que diziam aparecer no banheiro.

Nesse período, as fileiras eram divididas em fortes, médios e fracos. Lembro-me da felicidade, de depois das primeiras semanas de aula, poder mudar da média para forte. Nossa professora estava sempre sentada em sua mesa que ficava em um nível mais elevado que o nosso; para irmos até ela devíamos ficar em fila em frente a sua mesa, em cima da qual estava um caderninho muito precioso com todas as lições e suas respostas, de quando em vez mandava um grupo sair da sala e escrevia na lousa uma série de palavras com o erre entre uma vogal e uma consoante (por exemplo, formiga), mandava aquele grupo entrar e ler aquelas palavras e ao final enaltecia a forma que aquelas crianças leram as palavras sem o sotaque do interior.

Outro fato que ficou gravado em minha memória é que em minha sala havia apenas duas crianças negras.

Esta escola, claramente tradicional, servia aos interesses das elites, desprestigiando os alunos de classes trabalhadoras, cujo capital cultural é considerado inferior, ao conhecimento e aos valores das classes dominantes, segundo Bourdieu

(1999, p. 196), “como instrumento de legitimação simbólica do poder econômico e político”, encarando os alunos como objetos vazios, esperando ser preenchidos pelos professores. Ficando a escola incumbida de reproduzir os valores dominantes, sem a menor preocupação com a apropriação da história e da cultura da classe trabalhadora.

No primeiro ano eu ficava a semana toda com meus avós, minha diversão era brincar no jardim com muitas flores, ler gibis do Carequinha, Brasinha, Luluzinha e Mickey Mouse na banca de jornal de meu avô.

Nos finais de semana, íamos a igreja e depois para casa de meus avós maternos. Lá todos se reuniam no “terreiro” para jogar: as mulheres e as crianças jogavam tômbola ou vinte e um e os homens, truco. Andávamos de bicicleta, empinávamos pipa e juntávamos cacos de louça para enterrar como tesouros; nas paredes do quarto, decoradas com fotos de revista dos atores famosos estavam nossos príncipes encantados.

Por volta de 1974, a vida começou a melhorar para meu pai. Com seus cursos no SENAI, seu salário melhorou, o que nos possibilitava mais passeios.

Nas férias, ou íamos para praia, ou para o sítio de parentes no interior de Minas. Lá tinha contato com animais de criação e silvestres, nadava nos rios, passeava a cavalo e de charrete, chupava frutas no pé. Via o café ser colhido, secando nos terreirões, torrado em bolas de ferro, moído no pilão e o leite, ser preparado para virar queijo.

Assistia às folias de reis com suas companhias, que se deslocavam com cantos e instrumentos. Por devoção ou por gosto, peregrinavam de casa em casa do dia de Natal até 6 de Janeiro, em cantoria, visitando as casas, atendendo pedidos, tirando promessas (ajudando os devotos a cumprir suas promessas). Bastiões, marungos, palhaços, personagens sempre presentes nestes folguedos, com máscaras confeccionadas nos mais diversos materiais (peles de animais, tecidos, napa, tela de arame, cabaças, papelão,

colagem de papel); com trajes vistosos, divertindo a todos com seus saltos acrobáticos, dançando, declamando romances tradicionais, jogando versos decorados. Quando em visita a uma casa, uma folia de reis era motivo de festa para toda a rua.

Em 1979, fomos em uma excursão conhecer o Rio de Janeiro, passeamos em Museus, na casa de Santos Dumont, no Cristo Redentor, no Palácio colocávamos enormes pantufas para não riscar o assoalho.

A ESCOLA APARTADA DA VIDA

“Não é uma alma nem um corpo que se formam: é ser humano”
Michel de Montaigne

A escola não tinha muita influência em minha formação naquele período. A construção da escrita e de meu pensamento-lógico-matemático acontecia fora do espaço escolar. Como em todo o país, a escola não discutia fatos relevantes da história nacional; lembro-me apenas de um acontecimento de ordem internacional que foi muito comentado na escola: a morte do Papa. Outro fato marcante foi a visita a fábrica da Coca-Cola, aonde vimos como engarrafavam o refrigerante. Comemos lanche dado pela empresa, assistimos a um teatro inesquecível do gato de botas e ganhamos brindes (réguas, lápis, borracha e apontador, tudo com o emblema da Coca-Cola). No mais, decorávamos a tabuada, as datas do descobrimento do Brasil, da Independência e outras coisas que já se perderam em minha memória...

No período em que freqüentei o ginásio, mudamos muito de casa, pois meu pai adorava fazer negócios (além de seu trabalho como metalúrgico, vendia e comprava casas, então mudamos muito). Eu, que estava em plena adolescência, passei por três escolas diferentes, todas estaduais, porém todas como o mesmo modelo tradicional de ensino. O que mudou muito foram os prédios, com arquitetura nova, a fachada de tijolo

a vista. O piso das salas era todo no mesmo nível, em nada lembrava os prédios escuros, com piso de assoalho cheirando a querosene e suas carteiras duplas de madeira.

Sentávamos todos enfileirados, não tínhamos mais as brincadeiras do primário. A novidade agora era o uniforme branco, com saia de pregas e shorts de "elanca" vermelha que usávamos na Educação Física, que claro acontecia em turmas separadas, com horários das meninas e dos meninos. Na aula, nosso uniforme era um grande avental branco.

As aulas que mais me chamavam atenção eram as de Organizações e Métodos, onde o professor sempre repetia que ali éramos apenas números não tínhamos nome, assim seríamos tratados no colegial e no mercado de trabalho. Na infância tinha o sonho de ser secretária da Singer, como minha tia, irmã de meu pai. Cheguei até fazer um curso de secretária executiva, cujo certificado tenho até hoje.

A leitura que faço aqui, é que a escola valorizava neste momento histórico, o conhecimento técnico e profissional, levando a uma maior participação dos indivíduos à vida econômica.

No ano de 1980, estávamos em férias no sítio, quando vimos pela tv, o pátio das montadoras e fábricas. Um número enorme de operários, parados em protesto, gritavam palavras de ordem. Não entendi o porquê, mas voltamos para casa, meu pai interrompeu as férias e foi dormir no pátio junto com seus companheiros. Dias depois recebemos a notícia que ele estava sem o emprego.

Nesta época já tinha muita vontade de trabalhar, mas nunca pensei em ser professora, este era o sonho da minha mãe, que já tinha pensado em tudo, mas não falávamos muito sobre isto. Este período foi de latência em relação à escola, eu estava mais preocupada em estar inserida no grupo social, ia ao clube do qual éramos sócios, freqüentava festinhas e matinês.

Em 1982, comecei a trabalhar como recepcionista em uma eletrônica, por isso passei a estudar à noite. Era diferente, as pessoas eram mais velhas e não era cobrado muito, pois todos trabalhavam. Já os esquemas das aulas eram sempre os mesmos: o professor passava o texto, a aula era totalmente expositiva, decorávamos e fazíamos a prova respondendo a questões que foram memorizadas anteriormente.

Quando terminei o ginásio, queria muito fazer Desenho Técnico no Colégio Bento Quirino junto com minha melhor amiga, mas minha mãe dizia que a melhor coisa para mulher era fazer o magistério, que eu poderia trabalhar meio período e no restante poderia cuidar de minha casa e de meus filhos (quando casasse). Eu não queria, mas cedi aos desejos de minha mãe e fui sem muita vontade fazer o processo seletivo para frequentar o curso de Magistério na Escola Carlos Gomes.

Fiz os quatro anos no período noturno. As aulas eram tradicionais, a maioria das professoras davam aulas expositivas, decorávamos os textos, respondíamos questionários e estes eram reproduzidos integralmente nas provas. Nas aulas de Educação Física para crianças que aconteciam às sextas-feiras, o professor dizia que estava muito cansado e que todos devíamos ir para o bar Voga tomar um chope, ou irmos para casa. A maior seriedade estava no controle dos estágios que deveriam ser cumpridos rigorosamente, foi o que eu fiz.

Fiz estágio no Colégio Batista, em uma sala de pré-escola. A professora era muito atenciosa e as aulas eram sempre diferentes das que eu estava acostumada a ver: as crianças sentavam-se em “U”, discutiam a rotina com a professora, brincavam com jogos e ouviam histórias todos os dias. Com esta experiência comecei a gostar da idéia de dar aulas, porém o estágio nesta escola acabou e fui fazer estágio em uma escola do Estado. Era uma sala de primeira série, as crianças sentavam-se enfileiradas, não podiam conversar, tinham chamada oral e o papel das estagiárias era corrigir cadernos e

rodar atividades no mimeógrafo. Esta experiência me fez pensar que estava no lugar errado.

De tudo o que vivi nestes anos de magistério o que ficou para mim não estava dentro da sala de aula, muito menos dentro dos portões da escola, mas sim na escadaria dela. Foi lá que participei do movimento das Diretas Já! Percorri as ruas da cidade em passeata com um grupo de jovens que estavam insatisfeitos e desejosos de mudança; pela primeira vez me senti integrante de um grupo, e fazendo parte de uma história que não era só minha, mas de toda uma nação.

Vibrei diante dos palanques da cidade, presenciei a luta de muitos jovens e comecei a entender que eu também poderia mudar muitas coisas, me entusiasmei muito, mas dentro do espaço da escola tudo o que acontecia nas ruas ficava fora dos conteúdos curriculares e acabaram caindo no esquecimento.

PERCURSOS (TORTUOSOS) DA PROFISSÃO

*“Quem tem consciência para ter coragem
Quem tem a força de saber que existe
E no centro da própria engrenagem
Inventa e contra a mola resiste”
Secos e Molhado*

Veio à formatura, as fotos, a festa e chegou a hora de trabalhar, me inscrevi para substituir em escolas da Prefeitura de Campinas e logo fui chamada para assumir uma sala de pré-escola bem perto de minha casa. Porém antes disto acontecer tinha prestado um concurso na Secretária da Fazenda do Estado e fui aprovada, preferi então trabalhar nesta estatal. Prestei vestibular na PUC-Campinas e passei no curso de biologia. Cursei durante dois anos com muita dificuldade, as matérias de física e química eram difíceis, afinal no magistério o que aprendi era muito pouco. Além disso, com o salário da

Secretaria da Fazenda não estava conseguindo pagar as mensalidades, por isso abandonei o curso.

Nesta época meus pais não tinham condições de custear meus estudos (na realidade meu pai achava uma grande besteira, afinal para ele mulher tinha que casar, e como eu já tinha feito magistério e poderia dar aulas, isto já estava muito bom). Parar de estudar foi a maior decepção que tive em toda minha vida, por muitas noites sonhava que estava na formatura assistindo meus amigos se formarem, menos eu. Quantas vezes acordei chorando, mas eu não ia desistir.

Apesar do grande desejo de um dia poder estudar na Unicamp, nunca tive coragem nem sequer de prestar o vestibular, além do que a maioria dos cursos acontecia no diurno e eu precisava trabalhar; então o sonho de estudar foi adiado.

Depois de tentar vários empregos, em 1990, consegui ser contratada em uma escola particular, os proprietários eram novos e não exigiram experiência. Nessa época trabalhava à noite em uma boutique no Shopping e de manhã dava aulas. Nesta escola conheci uma professora que me falava sempre de uma maneira diferente de trabalhar, maneira esta que o aluno deveria descobrir através de experiências concretas e que o conhecimento que cada um trazia deveria ser valorizado. Com estas informações passei a olhar o magistério de maneira mais curiosa e diferenciada.

Preparava as aulas com diversas pesquisas de campo, visitamos feiras livres, laboratórios e exposições, escrevi até uma peça para as crianças apresentarem para os pais, foi um ano de muito crescimento, com estas experiências tive o primeiro contato com o construtivismo, apesar de não saber nomeá-lo, foi um namoro com a profissão.

Hoje vejo que esta prática voltada para o desenvolvimento do cognitivo, dá ênfase a um processo que permite que os alunos analisem e critiquem as questões levantadas com um nível de complexidade, porém esta abordagem não se preocupa com

questões de reprodução cultural, ignorando sua experiência de vida, sua história e linguagem, impossibilitando-os de refletirem criticamente em relação à sua prática, substituindo o senso comum por uma compreensão mais rigorosa de sua significação.

Neste período tive um grande problema, uma das mães foi até a loja em que eu trabalhava e ficou indignada, pois para ela o filho não poderia ter aulas com uma “vendedorazinha” e decidi junto com outras mães fazer um movimento para minha retirada da escola. Mandavam alunos com gravadores para ouvir minhas aulas, levaram até a direção a postura de cada uma enquanto mães preocupadas com seus filhos.

A direção por sua vez pediu que eu escolhesse um dos dois locais de trabalho. Como eu já tinha um desejo enorme de voltar estudar, decidi prestar vestibular para Psicologia na Universidade Metodista de Piracicaba. Nos anos que se passaram queria muito fazer medicina, porém como o dinheiro não me permitia fui fazer psicologia para ficar mais próxima da medicina. Fui aprovada e cursei cinco anos e um semestre, quando finalmente consegui realizar um grande sonho: o de me formar no curso noturno de Psicologia.

Tive boas experiências, trabalhei em um grupo de Educação não-formal no estágio na área de Educação com gestantes adolescentes, onde realizávamos grupos de orientação no centro social da igreja, no Jardim Cristina em Piracicaba e atendia as gestantes dando palestras sobre amamentação na Santa Casa daquela cidade.

Outra experiência que me fez olhar com outros olhos para o magistério foi o atendimento a crianças na clínica da Universidade.

No segundo ano da faculdade, prestei o concurso para professora da Prefeitura Municipal de Campinas e fui aprovada.

Ingressei na Prefeitura no ano de 1992, em uma creche próxima à minha casa, mas estava totalmente despreparada para o que me esperava.

Em vista das mudanças da Constituição de 1988 e nova LDB (Lei 9394/96), através das lutas dos movimentos sociais durante as últimas décadas e com o estabelecimento das novas Diretrizes para a educação infantil, o Ministério da Educação e Cultura, de acordo com a LDB, promove esse segmento educativo instituindo-o como a etapa inicial da Educação Básica e reconhece a importância de subsidiar a elaboração de políticas públicas com vistas à melhoria de qualidade e equalização do atendimento a essa faixa etária. Em 1990, a Prefeitura de Campinas na administração do então prefeito Jacó Bittar, passa a responsabilidade das creches da Secretaria da Ação Social para a Secretaria da Educação, que funcionava até esse período apenas com monitoras, em sua maioria, apenas com ensino fundamental.

Com a entrada das professoras, algumas monitoras se sentiram extremamente prejudicadas, pois achavam que trabalhavam mais tempo e ganhavam menos. Por este motivo resolveram boicotar as professoras, dificultando de todas as maneiras o trabalho das que chegavam. E foi neste clima que ingressei no ano de 1992 em uma creche na periferia de Campinas, em meio a uma greve e tendo que enfrentar o ressentimento das trabalhadoras que já estavam ali há muitos anos e não tinham seu trabalho valorizado.

Neste ano fiquei com quatro turmas: o Berçário I, Berçário II, Maternal I e Maternal II, tendo que revezar os dias de atendimento nas quatro classes.

Sem nenhum auxílio das monitoras resolvi me inscrever nos grupos de estudo realizados pela Prefeitura, que tratavam desde RPG até alfabetização de bebês. Lia tudo do curso de Psicologia sobre o desenvolvimento de crianças pequenas. Sofri muito, mas cresci muito também; foi um ano de aprofundamento e conquista e no final deste ano as monitoras eram minhas amigas.

Mesmo com tudo o que fui aprendendo, tinha o sonho de um dia abandonar o magistério e seguir a carreira de psicóloga, afinal eu não gostava do título de tia, ou de

professorinha de pré. Mas as condições financeiras oferecidas pela Prefeitura e o fato de ser efetiva no cargo não me deixavam aventurar atrás de um campo tão competitivo como o da psicologia. Continuei com as turmas na creche ainda por quatro anos, mas nunca abandonei os grupos de formação e passei a gostar muito de lecionar, principalmente depois de conseguir me remover para uma escola de Ensino Fundamental numa escola com a clientela da zona rural. Comecei a fazer parte do Projeto de Educação Ambiental, a partir do qual tive meu próprio projeto descrito em uma revista francesa. Li bastante, participei de seminários, desenvolvi oficinas e principalmente vi muitas mudanças acontecerem com as crianças e com isto a paixão ia crescendo, como num namoro forçado, passei a enxergar mais as belezas da profissão.

No ano de 1998, toda a área ao redor da escola em que eu lecionava (Jardim São Domingos) foi invadida por assentamentos de sem-terras. Naquele momento, conheci outra realidade, crianças que desmaiavam de fome, que contavam suas experiências de viagens e mudanças de escolas e que lotavam as salas de aula em busca de comida.

Naquele ano aproveitei muitas experiências pessoais dos alunos e juntos construimos nosso conhecimento (principalmente o meu). Com isto crescia meu desejo de aprimorar meus conhecimentos e a vontade de estudar na Unicamp voltou a aflorar (mesmo já estando formada, tinha desistido de ser psicóloga), porém continuava sucumbindo à idéia de que não era capaz de ser aprovada no vestibular. Por muito tempo fiquei resolvendo as provas que eram publicadas no jornal, mesmo assim nunca tive coragem. Pensei várias vezes em escrever um projeto para o mestrado, mas a falta de coragem nunca me deixou levar a diante.

Desde que entrei na Prefeitura nunca deixei de participar de projetos e grupos de formação dentro da própria Rede Municipal.

Casei-me e passei a ver mais distante a possibilidade de retornar aos bancos da Universidade. Para poder ficar mais perto de minha casa, removi-me para uma creche e naquele ano de 2000, surgiu a possibilidade de cursar o PEFOPLEX, mas eu teria que estar dando aulas no ensino fundamental, fiquei decepcionada, mas não desisti. Inscrevi-me no curso do PROEPRE, afinal eu estaria dentro da UNICAMP pela primeira vez e foi muito proveitoso. Li muito, estudei bastante, frequentei outros cursos, porém outra barreira se colocava, para o PROEPRE ganhei uma bolsa o que não aconteceu nos outros cursos que me inscrevi nestes mesmos moldes, tive que parar novamente.

A UNIVERSIDADE

*“Inveja é a instrução que o senhor tem. Eu queria decifrar as coisas que são importantes. E estou contando não é uma vida de sertanejo, seja se for jagunço, mas a matéria é a vertente. Queria entender do medo e da coragem, e da gã que empurra a gente para fazer tantos atos, dar corpo ao suceder. O que induz a gente para as más ações estranhas, é que a gente está pertinho do que é nosso, por direito, e não sabe, não sabe, não sabe!”!
Guimarães Rosa (IN “Grande Sertões: Veredas”)*

Em 2002, finalmente surgiu a oportunidade de fazer o processo seletivo para o PROESF, não podia perder esta oportunidade. Fiz o curso de redação pela Prefeitura, estudei muito e não acreditei quando vi meu nome na lista de aprovados.

Este sim era o meu grande sonho, achava que não era possível e que alguma coisa ia acontecer para eu não estar aqui. Quando recebi o convite para aula inaugural senti como se estivesse indo pela primeira vez para a escola, arrumei-me como que para um ato muito solene, senti-me com uma responsabilidade imensa, afinal somente os “cientistas” estavam ali.

Na família todos me parabenizaram, todos não se agüentavam de tanto orgulho.

Com o início das aulas, tudo era novidade: muitos textos, muitos trabalhos, a formação dos grupos, o uso dos computadores, tanta novidade. Porém alguns comentários começaram a diminuir todo o orgulho que eu sentia de mim mesma, nos corredores ouvia-se falar muito sobre o vestibular diferenciado, e um grande mal estar se formou. O fato é que para aqueles que estavam aqui nossas turmas entraram na Unicamp “pelas portas dos fundos”.

Este fato gerou grandes discussões, tomando por diversas vezes muitas horas das aulas magnas. Mas o tempo passou e os ânimos foram se acalmando. A dinâmica das aulas se intensificou e o compromisso do grupo era muito grande, para ficarmos parados naquela discussão que seria finalizada mais à frente.

Neste primeiro semestre, muitas idéias e reflexões foram se delineando em nossas mentes, os textos davam cor à nossa prática e a cada trabalho apresentado podíamos ver confirmadas nossas hipóteses em relação à nossa prática.

Na disciplina *Pensamento Histórico e Educação*, conhecia como foi instituída a educação no Brasil, todos os interesses políticos envolvidos na formalização da instituição escolar, momentos históricos decisivos que determinaram a escola que temos hoje.

Para melhor entender esta realidade, realizamos pesquisas sobre grande o número de excluídos em nosso país e, com certeza nós, estávamos incluídas em um ou mais destes grupos, começando pela condição de mulher, trabalhadora e outras tantas.

A situação destes excluídos ficou muito marcado em minha memória com a apresentação da peça de João Cabral de Mello Neto “Morte e Vida Severina” encenada por um grupo da terceira idade na cidade de Paulínia e que tivemos a feliz oportunidade de assistir.

A peça retratou com muita sensibilidade e poesia a história do percurso do personagem que vivendo a vida de muito Severinos, caminhava para fugir da seca e da morte antes dos 30 anos, encontrando pela frente sempre a miséria e mais morte, representado pelos muitos lavradores assassinados na luta pela terra.

Como tantos, Severino pensa em desistir, pára pelo caminho, mas percebe que não é possível, encontra pela frente “mestre carpina” que aparece com a empreitada de convencê-lo do contrário, mostrando o nascimento de outros Severinos, como foi o do menino Jesus, reforçando no final da peça, que mesmo a vida quase morte Severina, aparentemente sem saída ou esperança, vale ser vivida.

Com todas as leituras e discussões pude entender a trajetória percorrida por minha família, que após a Primeira Guerra Mundial e com a crise de excesso de oferta e concorrência de outros países, vêem o governo controlar o cultivo do café e com isso a queda da produção. Perdendo suas posses, são obrigados a ser incluídos no êxodo rural e migrar pelo interior de Minas em busca de novos cultivos.

Na década de sessenta, logo após o golpe militar, novamente vimos um movimento da população em busca de melhores condições de vida. Com o desenvolvimento dos grandes centros, a propaganda do crescimento do país, com urbanização acelerada, oferecendo empregos à mão de obra não especializada, os migrantes tendo melhoras salariais e de condições de vida são novamente atraídos e começam a mandar dinheiro para as regiões de onde vieram, chamando a atenção dos parentes, impulsionando ainda mais o êxodo rural.

E foi exatamente o que aconteceu com minha mãe, que inicialmente veio para a cidade de Campinas como empregada doméstica, logo depois foi trabalhar como operária nas empresas Matarazzo, e por volta de 1970, depois de casada com meu pai

trouxe os pais e irmãos, era fuga da miséria do campo em busca da industrialização da cidade grande.

Em *Teoria Pedagógica e Produção em Língua Portuguesa*, vimos que a escrita e os registros são ferramentas imprescindíveis de luta contra o autoritarismo imposto, que a leitura deve ser crítica e que o respeito aos saberes já existentes é fundamental. Entendi com isto a importância das histórias relatadas por meus avós, os momentos em que assistíamos as folias de reis, as procissões cantadas, que seguíamos nos dias santos, o quanto tudo isto contribuiu em minha formação e o quanto faz falta nos alunos que recebo hoje em minhas salas de aula.

Refletimos sobre o papel dos PCNs, que são impostos e apresentados como salvadores, mascarando seu papel de perpetuar a ideologia vigente, não levando em consideração a diversidade de regiões e saberes, tentando esvaziar politicamente as manifestações populares, folclorizando as origens destas manifestações.

Em *Multiculturalismo e Diversidade Cultural*, encontramos as razões e origem dos diversos conhecimentos e buscamos caminhos para que estes possam ser valorizados nas salas de aula e ao valorizar possamos nos reconhecer além delas.

Isto me ajudou muito a valorizar a linguagem oral, transmitida por aqueles que pela exclusão social não foram reconhecidos socialmente, que me transmitiram uma cultura tão importante, não me deixando sentir diminuída diante daqueles que tiveram legitimado por um diploma o seu saber.

Educação e Tecnologia ajudou-nos a quebrar barreiras do preconceito que nos afastavam da modernidade, acabando com o medo de que as ferramentas tecnológicas tomassem nosso lugar. Mostrou-nos também o papel manipulatório destas ferramentas que podem construir ou destruir nações, massificando saberes e relegando a infância a meros acionadores de botões.

No segundo semestre, a disciplina *Pensamento Filosófico e Educação* levou-nos ao exercício da crítica, para podermos nos afastar das barreiras instaladas em nós e ao nosso redor, em nosso dia-a-dia, proporcionando um olhar além do que está diante de nossos olhos, daquilo que nos apresentam.

Com a disciplina *Pensamento Sociológico e Educação*, conhecemos as idéias de revolucionários que acreditaram nas transformações e no poder das classes oprimidas e a importância das ações coletivas.

Teoria Pedagógica e Produção em Matemática levou-nos a refletir de que maneira as coisas são postas e impostas, que um olhar não é único e absoluto, como nos apresenta Paulo Freire (1982, p. 10), quando nos afirma:

“Na tonalidade diferente de cores de um mesmo fruto em momentos distintos: o verde da manga-espada verde, o verde da manga-espada inchada; o amarelo esverdeado da mesma manga amadurecida, nas pintas negras da manga mais além de madura. A relação entre estas cores, o desenvolvimento do fruto, a sua resistência à nossa manipulação e o seu gosto. Foi nesse tempo, possivelmente que eu aprendi a significação da ação de amolengar”.

Em *Pesquisa Educacional*, percebemos a importância e o diferencial do professor-pesquisador, sua relação com o objeto de pesquisa e de ensino, suas ferramentas e postura diante do conhecimento.

No terceiro semestre *Pensamento Psicológico e Educação*, pudemos conhecer as diversas linhas da Psicologia e sua influência dentro da educação e na história. Como muitos psicólogos descreviam a formação da mente e a importante contribuição destes para a educação.

Em *Teoria Pedagógica e Produção em História* pudemos estudar como a criança se situa dentro do tempo cronológico e histórico, a importância de sua história de vida e a relação com a história da humanidade, compreendendo-se um ser histórico e social, que pode transformar com suas ações a realidade em que vive.

Teoria Pedagógica e Produção em Arte valoriza a produção regional, proporcionando-nos a visão da beleza estética que pode ser produzida no local onde estamos, além de desvelar a riqueza da linguagem popular.

Na disciplina *Avaliação*, voltamos na história para perceber os interesses políticos existentes por trás das comparações e classificações impostas pelos que concebem a educação, rotulando alunos e determinando comportamento dos professores diante daqueles que não conseguem atingir os “objetivos propostos”. Porém mostrou-nos também a importância de superarmos a avaliação classificatória, seletiva, autoritária e punitiva, olhando para a avaliação como um instrumento que assegure que todos aprendam.

No quarto semestre, com *Política Educacional e Reformas Educativas*, entramos em contato com as leis e os órgãos que criam essas leis, os interesses que subsidiam cada uma delas e os reflexos destas em nossas salas de aula.

Teoria Pedagógica e Produção em Meio Ambiente retomou as discussões do papel formativo do educador, suas posturas e ações, a relevância da pesquisa que aguça o interesse dos alunos, concorrendo com o mundo capitalista que alicia e aliena as crianças.

Teoria Pedagógica e Produção em Geografia levou-nos a perceber a importância do conhecimento do entorno da escola, da construção da história local e da pesquisa e participação da comunidade nesta construção.

Com a disciplina *Educação da Criança de 0 a 6 anos*, refletimos sobre a história da criança e sua constituição dentro do desenvolvimento das civilizações.

Em *Planejamento e Gestão Escolar*, ficou clara a importância de nossa participação efetiva e o envolvimento de toda comunidade escolar na construção da escola que queremos.

Com *Teoria Pedagógica e Produção em Saúde e Sexualidade*, com esta disciplina nos deparamos com as imposições feitas pela mídia e pela sociedade moderna na formação das posturas diante de modelos de corpo e comportamento com que as crianças se defrontam hoje e que criam conflitos que o professor com seus conceitos e preconceitos na maioria das vezes não sabe como encaminhar.

Pedagogia da Educação Infantil, possibilitou-nos pensar sobre a visão de criança que temos, quais seus reais direitos frente à sociedade. A escola é um direito da criança ou apenas para mães trabalhadoras? Estas reflexões nos remeteram à nossa prática, a situações vivenciadas diante da carência de vagas nas escolas infantis e que acarretam conflitos entre o profissional e as famílias, sem levar em conta o direito da criança em ser atendida.

Temas Transversais foi um momento para revermos os tempos da escola, através dos projetos de trabalho. Maneiras prazerosas de tratar conteúdos que muitas vezes ao serem tratados na escola ficam desvinculados da realidade das crianças.

No sexto semestre, *Currículo e Escola* retornou ao princípio da formação da escola, fazendo uma viagem no tempo histórico para entendermos como foi instituído este currículo que hoje temos e através desta viagem revermos grandes pensadores da Educação.

Com a disciplina *Teoria Pedagógica e Produção em Educação Física*, revivemos a delícia de nossas brincadeiras infantis, a relação com o corpo despido das relações neurotizantes da sociedade consumista, que aliena e escraviza impondo modelos de beleza, levando a uma reflexão sobre a relação do homem com seu próprio corpo.

Educação Especial, tratou da polêmica inclusão, que se coloca nas escolas diante de tantos professores despreparados e receosos, do conflito com o poder público

em relação às formas de atendimento, à falta de recursos e de como garantir os direitos de atendimento de qualidade para estas crianças.

Educação Não Formal levou-nos a conhecer essas instituições, seus profissionais, seu papel diante da ineficácia do poder público, a clientela atendida e sua relação com a educação formal, e principalmente me fez pensar em toda minha formação fora da escola, a importância da formação cultural que muitas vezes é relegada pela instituição escola.

Durante estes três anos, a reflexão de minha prática foi inevitável. Muitas vezes pensei que tudo o que fazia estava errado, porém pude perceber que a construção de qualquer conhecimento é constante e que sempre estamos sujeitos a errar, que nenhuma teoria foi escrita do dia para a noite. Para que se apresentassem tão convincentes muitos inocentes foram sacrificados.

RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA

*“Nessa vida, pode-se aprender
Três coisas de uma criança:
Estar sempre alegre, nunca ficar
Inativo e chorar com força por
Tudo que se quer “.*
Paulo Leminski

No ano de 2003, assumi uma sala de primeira série com 22 crianças de 6, 7 e 8 anos, sendo que 2 crianças eram consideradas especiais, mas sem nenhum diagnóstico.

Nesta época, ainda simpatizava muito com o método construtivista, e mesmo acreditando que todos podiam aprender e com todas as ferramentas que utilizava em sala de aula (jogos, brincadeiras, histórias), alguns alunos não conseguiam.

Através de entrevistas com os familiares, conversas informais com as próprias crianças ou nas rodas de discussão, percebi que o capital cultural destas crianças era

muito diferente dos exigidos pela escola, segundo Bourdieu (1999, p. 101), “a escola exige, consciente ou inconscientemente, de todos os agentes, uma relação natural, familiar, com a cultura e com a linguagem, privilegiando, assim, a relação com o saber, muito mais do que o saber em si mesmo”.

Percebi que quem precisava mudar era eu. Foi difícil, rever tudo o que fazia, como fazia e para que fazia, isto me fez refletir muito, aquele ano foi de muito conhecimento, dos alunos e de mim mesma.

Procurei saber do que aquelas crianças brincavam em seus ambientes familiares, se em suas casas tinham o hábito de ler e o que liam, que tipo de lazer tinham, se tinham, se participavam de algum grupo na comunidade. Toda esta investigação levou um bom tempo e neste período nossos laços de afetividade foram se estreitando, tanto com os alunos quanto com seus familiares.

Ao final daquele ano recebemos um convite para conhecer o Espaço Cultural CPFL, onde estava acontecendo a mostra dos Artistas de 22.

Fiquei eufórica, eu precisava levar as crianças para conhecer aquele espaço, os artistas e suas obras, porém a briga na escola foi muito grande, a direção me questionou o que “aquelas crianças” iriam fazer num ambiente como aquele, uma professora de outra turma da primeira série me falou uma coisa que me enfureceu. Esta professora era de uma camada social muito elevada, sendo que seus netos freqüentavam uma escola muito conceituada da capital, ela por sua vez me disse que “nem a escola “X”, onde seus netos estudam vão a exposições com os alunos”, não me contive e respondi que se os netos dela não fossem com a escola, com certeza seus pais os levariam, mas se a escola não levasse aquelas crianças, talvez elas nunca mais tivessem a oportunidade de estar lá. Foi meu argumento final, e no dia marcado estávamos no Espaço Cultural

admirando Anita Malfati, Brecheret, Tarsila do Amaral, Cândido Portinari entre outros, foi maravilhoso.

As crianças se encantaram com o ambiente, com a estrutura de uma exposição, a segurança do local, com o tamanho das telas e principalmente com a beleza das pinturas, sendo que a que mais impressionou foi uma obra de Cândido Portinari, onde o artista fazia um jogo de luz muito impressionante. Na saída todos assinaram o livro de presença da exposição. Esta experiência foi muito rica para todos, muito mais que ir ao bosque ou a lagoa do Taquaral, não que estas não sejam importantes, porém são ambientes em que provavelmente algum dia irão ou com a escola ou com seus pais, o que não é o caso desta exposição.

Em sala, fizemos uma avaliação de toda a visita, que foi enviada posteriormente ao Espaço Cultural.

No ano seguinte, após uma avaliação feita junto à direção e orientadora pedagógica, consegui continuar com a mesma turma na segunda série, com exceção de duas crianças que se transferiram para outra escola.

Ao sentar com a turma para decidirmos qual seria o projeto de trabalho daquele ano e avaliar o ano anterior. Eu e os alunos, optamos por desenvolver o Projeto: A criança e a Arte: Um encontro com Portinari.

Através deste projeto pretendia promover processos de desenvolvimento e aprendizagem, através do uso de diferentes espaços de conhecimento, enfatizando habilidades de busca e de utilização de diversas fontes de informação, como também avaliar as práticas investigativas utilizadas.

A prática deste projeto, em conjunto com tudo o que refletia naquele momento, alterou minhas representações e práticas enquanto profissional da educação. Transformando não apenas a aquisição de um novo discurso, mas alterando o modo de

pensar e agir. Abrindo espaço para pesquisa realizada pelas crianças, na organização dos conhecimentos de forma a valorizar este conhecimento, oportunizando atividades coletivas, fortalecendo os indivíduos envolvidos, levando as crianças a perceberem que as soluções para problemas e dificuldades enfrentadas dependem do envolvimento e comprometimento individual e grupal.

O trabalho teve início com a leitura da biografia de Cândido Portinari e com a investigação dos alunos sobre si mesmos para construção de sua biografia.

Para que isto fosse possível, fizemos uma pesquisa com documentos usando carteira da maternidade ou de vacinação, onde as crianças anotaram em uma tabela peso e o tamanho de quando nasceram, alguns trouxeram a carteira da maternidade e puderam visualizar a impressão do pézinho, dados da mãe na época do nascimento, maternidade onde nasceram e com a carteira de vacinação verificaram as vacinas que devem ser dadas no bebê.

Com estes dados, ordenaram por data de nascimento (mês e ano) os alunos da sala e construíram um gráfico, onde constataram que na sala tínhamos onze crianças com 7 anos e nove com 8 anos. Outra atividade foi à classificação por ordem de peso e tamanho no momento do nascimento.

Posteriormente, utilizando a balança e metro, das aulas de educação física, anotaram em outra tabela o peso e altura atual, já em sala foram verificar quem era o maior, o menor, o mais pesado e o mais leve.

Todos estes dados foram utilizados para calcularem e compararem o quanto aumentaram em peso e altura, e verificaram que nem todos que nasceram com mais peso e maiores, hoje são os mais altos ou os mais pesados, nem que os maiores são os mais velhos da sala e nem os menores são os mais novos. Com estas atividades os alunos puderam utilizar as operações de adição e subtração através de situações reais de

suas vidas, usaram ainda estratégias como a estimativa para levantar hipóteses de quem era o mais alto ou o mais pesado, que posteriormente foi verificado com a pesagem.

Com a certidão de nascimento, pesquisaram número da folha, do livro, nome do cartório onde foram registrados, nome do escrivão que fez o registro, além de todas as informações pessoais; nome da mãe, do pai, dos avós paternos e maternos, data e local de nascimento, com estes dados foram ao laboratório de informática onde preencheram um modelo (simulação) da cédula de identidade.

Iniciaram a construção da linha do tempo com a data de nascimento de cada um, data em que entraram na escola e ano que estamos.

Os alunos construíram diversos tipos de textos, realizaram leituras, interpretação de dados e gráficos, seleção de textos coerentes com as informações coletadas, recorte das informações a serem utilizadas dentro de determinado texto, análise e síntese das leituras realizadas, todas estas informações foram utilizadas para estruturação do texto da biografia que foi digitada individualmente.

Depois de concretizada esta etapa os alunos queriam saber com era o corpo humano por dentro, então pedi que em casa pesquisassem e trouxessem anotados quais os órgãos internos, com estas informações listamos os nomes destes órgãos, que posteriormente escrevi em tarjetas. Em uma outra etapa sorteei duas crianças que deveriam contornar em papel manilha o corpo de uma menina e de um menino, este contorno foi fixado na parede, então cada aluno recebeu duas tarjetas com nomes dos órgãos que eles trouxeram e deveriam fixar em locais onde eles achavam que se localizavam no corpo do menino e da menina. As crianças ficaram muito apreensivas e com medo de errar, esta atividade foi muito interessante, pois no momento de fixar, os alunos faziam aproximações com nomes conhecidos, por exemplo, o baço foi fixado no contorno do braço e a vesícula logo abaixo dos olhos. Esta atividade foi muito

importante, pois pude perceber bem quais os conhecimentos eles já traziam e suas principais dúvidas, como nas diferenças entre homem e mulher, as crianças fixaram útero e ovário, tanto no contorno do menino quanto da menina. Esta atividade foi realizada em uma quarta-feira, que é o dia em que eles vão a biblioteca para realizar o empréstimo de livros, neste dia a disputa pelo empréstimo do Atlas do Corpo Humano foi muito grande e continuou por mais três semanas. No dia seguinte pedi que os alunos procurassem textos para confirmarmos as posições dos nomes que eles fixaram e a totalidade dos alunos coletou as informações no livro didático fornecido pela escola, com exceção dos alunos que tinham feito o empréstimo do Atlas na biblioteca.

Com esta atividade, fomos comparar a forma dos corpos que Portinari usava em seus quadros, principalmente no quadro “Mulato” e “Retirantes”, verificando a diferente estrutura corporal de cada um.

Para encerrarmos as atividades da construção da biografia, fomos ler novamente a biografia de Portinari, para compararmos com a dos alunos, que perceberam que a infância do artista era muito parecida com a deles, então demonstraram interesse por ver como Portinari era fisicamente, foi quando levei uma foto dele e o auto-retrato.

A proposta agora era do desenho do rosto de cada um, como não temos espelho na sala, cada criança deveria escolher um colega e desenhá-lo, na confecção deveriam prestar atenção nas perspectivas, como fundo da figura, tamanho do desenho em relação ao tamanho da folha e as cores utilizadas para destacar a figura principal. As crianças, em sua maioria, gostaram muito do produto final.

Dentro deste bimestre, recebemos um convite do Espaço Cultural CPFL, para visitarmos a Mostra de Painéis do Acervo do Programa MetrÓpole, que aceitamos prontamente, pois como no ano de 2003 visitamos a exposição de artistas da década de

20, era uma ótima oportunidade para conhecermos outro estilo de pintura, a Contemporânea.

Antes de sairmos lembrei com as crianças as regras para a visita a uma exposição, vimos também livros da biblioteca que falavam sobre artistas contemporâneos.

Chegando à exposição, as monitoras conversaram com as crianças a respeito das regras do Espaço Cultural e das proibições em relação a fotos e filmagens. Os alunos se mostraram interessados e participativos, questionavam muito sobre as formas e materiais utilizados.

Logo no início a monitora realizou uma dinâmica, ela iria falar uma letra do alfabeto e as crianças olhando para o painel deveriam falar o nome do que estavam vendo e que começavam com a letra falada por ela. A leitura do painel, com esta dinâmica, foi muito rica e os alunos conseguiram ver coisas que surpreenderam a monitora.

Outro fato relatado pela monitora que acompanhava a turma, foi sua admiração com a participação e interesse dos alunos, que não tinha sido notada nem em alunos que tem maior contato com obras de arte (alunos de escolas particulares).

A aluna Thamires quis saber para onde foram os quadros vistos na exposição anterior e porque eram pequenos e estes eram grandes? Marina, ao olhar os quadros se admiravam dizendo que o pintor deveria ter gasto muitas latas de tinta para fazer aqueles painéis.

Ficaram muito impressionados com um painel onde a bandeira do Brasil era formada por números. Quando questionados pela guia sobre o que seriam aqueles números, disseram que era porque o Brasil era formado por vários estados (Claudia e Charles).

Diante de uma obra feita com sacolas plásticas, se mostraram interessados, dizendo parecer uma cortina (Douglas, José e Matheus), outro quadro muito apreciado pelas

crianças, era pintado com quatro cores; azul claro, azul escuro, vermelho e laranja, numa composição que nos dava impressão de estarmos olhando para uma dobradura, como se fosse um grande leque de papel que as crianças costumam fazer em sala de aula nos dias de calor.

Além das pinturas, uma escultura em especial, chamou a atenção das crianças, era feita com buchas de lavar com formato arredondado, as crianças levantaram muitas hipóteses sobre o que o autor quis representar, uns diziam parecer rosquinhas, outros escova de cabelos, biscoito, bicho, lagarto, pênis, estojo, pata de um polvo, minhoca, podendo assim, perceber como um objeto pode ser visto de várias formas, por pessoas diferentes.

Outra observação muito boa foi a percepção da intenção de retratar o movimento diante de uma paisagem com flores (ação do vento nas plantas) e também a diversidade de plantas (violetas, margaridas, rosas, etc.). O saldo desta visita foi positivo, pois os alunos puderam perceber e visualizar as diversas formas de comunicação, diversidade na utilização de materiais, regras de comportamento, prática da observação e levantamento de hipóteses.

Para terminar as atividades do primeiro bimestre, fiz a proposta de que os alunos apresentassem as atividades aos pais na reunião através de transparências, o que aceitaram com entusiasmo. Não tivemos muito tempo para ensaios, dividimos as tarefas e dois dias depois aconteceu a reunião, em sua maioria, os alunos se saíram muito bem, inicialmente ficaram tímidos, mas depois falaram com desenvoltura, os pais ficaram muito satisfeitos.

Iniciando as atividades do segundo bimestre combinando uma visita a mata da Santa Genebra, para isto levantamos algumas problematizações.

As crianças foram levantando hipóteses, para que no trajeto pudessem confirmá-las ou não.

A visita foi muito produtiva, apesar de ter chovido muito na manhã daquele dia, mesmo assim puderam visualizar a biodiversidade da flora, assistiram vídeos, viram o mapa da mata, ouviram palestra com biólogos a respeito das características da mata de sua flora e fauna, sobre animais em extinção e puderam ter contato com animais empalhados e expostos lá (foram informados que os animais já chegaram mortos, alguns atropelados outros abatidos por caçadores, mas de maneira nenhuma são mortos com a finalidade de serem expostos). Uma regra muito frisada pelos monitores, foi que nenhum elemento deveria ser retirado das trilhas por onde passássemos, nem mesmo uma semente, pois cada elemento contido ali tinha sua importância.

Já em sala de aula, os alunos construíram um questionário coletivo sobre a visita e fizeram uma avaliação que foi enviada para os responsáveis pela Mata. A finalidade desta visita foi a visualização da Mata, reconhecimento da vegetação nativa para posterior comparação com a vegetação presente as margens do córrego que passa nos fundos da escola (Córrego São Pedro).

Seguindo nosso cronograma, iniciamos o reconhecimento do bairro, principalmente o entorno da escola, sua localização, consequências da ação dos homens neste ambiente e com estes dados fazer uma comparação com a realidade retratada nos quadros de Portinari, levando em consideração a leitura sobre a cidade natal de Candido Portinari, Brodosqui, que se desenvolveu as margens da Ferrovia, suas características de cidade do interior, brincadeiras realizadas na infância do artista, as atividades (trabalho) realizados por seu pai e por ele mesmo. Pedi que pesquisassem no dicionário o significado da palavra “moradia”, em seguida pedi que recortassem em revistas fotos de moradias, posteriormente anotei em uma cartolina o significado da palavra e as crianças

colaram as fotos das casas encontradas na revista, então coleí minha gravura uma foto de crianças dormindo em um banco de praça e uma palafita, quando fomos tabular os dados do trabalho (sobrado, térrea, prédio, alvenaria, madeira, com quintal, sem quintal), os alunos questionaram a foto onde as crianças dormiam na praça, então pedi que relessem o trecho na definição da palavra “moradia”, que dizia “local onde se habita”, e propus que construíssem um gráfico e a conclusão foi que as revistas em sua maioria mostram casas de alto padrão.

A atividade seguinte consistia em fazer o levantamento de hipóteses para estudo da rua da escola, e os aspectos levantados para observação foram: numeração das casas, tipos de construção, quantidade de estabelecimentos comerciais, órgãos públicos, placas de sinalização, número de quarteirões, tipo de veículos que circulam pela rua. Dividimos a sala em dois grupos e cada um dos membros ficou responsável por um item. Nesta primeira saída só foi possível investigar o primeiro quarteirão. Foram programadas entrevistas com uma mãe que trabalha como carteiraira, com um funcionário da Regional 9 que se localiza na rua da escola, e uma visita a Maria Fumaça.

Iniciamos o segundo semestre voltando ao estudo da rua. Desta vez as crianças registraram outros tipos de uso dos terrenos, como estabelecimento comercial, uma chácara, um espaço onde funciona uma igreja evangélica, denominada Espaço Esperança, uma escola infantil municipal que atende crianças de 4 a 6 anos e a AR 9.

O grupo que investigava o quarteirão em que estavam localizadas a AR 9 e a EMEI, tiveram a oportunidade de entrar nas dependências dos dois locais. Dentro da AR conversaram com o responsável, que explicou que eram encarregados pela limpeza de terrenos, consertos em escolas/creches, manutenção em ruas de asfalto e de terra e limpeza de galerias; que a sigla AR significa administração regional e que aquela (9) é

responsável pelos bairros da região Sul, que contém 50 bairros, e que ali trabalham cerca de 29 pessoas.

As crianças se surpreenderam pelo grande número de bairros e perceberam que apesar do número de pessoas que trabalham na manutenção parecer ser grande, para a quantidade de bairros atendidos e problemas a resolver, aquele número era insuficiente.

Diante deste relato algumas crianças se manifestaram sobre a importância da conservação de terrenos baldios e a cooperação com o trabalho de manutenção dos bairros.

Quando entraram na EMEI, muitos alunos relataram ter estudado ali e a falta que sentiam de brincar no tanque de areia e com os brinquedos do parque, disseram também que a escola (ensino fundamental) deveria ter um espaço com brinquedos.

Todos os alunos se envolveram muito na atividade, mesmo não prevendo a conversa com o administrador da Regional, todos tinham perguntas bem elaboradas e coerentes, mostrando que a respeito do conteúdo a tática antiga, dividir para dominar, já não satisfaz a necessidade da criança, pois no contato com a situação prática constroem novas teorias, esquemas e conceitos, como também aprende o próprio processo de aprendizagem.

Já em sala de aula, as crianças fizeram o levantamento do que foi registrado e verificaram que na rua Júlio Fernandes, além da escola, há um campo de bocha, 30 residências de alvenaria e 1 de madeira, 01 estabelecimento comercial (bar), terrenos baldios, 01 chácara, 01 igreja (chácara), um espaço de reflorestamento, uma Escola de Ed. Infantil e a AR9. Verificaram também que por ali passam muitos veículos de passeio e que a rua tem quatro tipos de placa de sinalização (de identificação da rua, de lombada, área escolar, velocidade máxima), dois orelhões e que os animais mais vistos foram; cachorros e pássaros (entre estes galinhas, bem-te-vis, pardais e urubus).

Conversamos sobre a possibilidade de construirmos uma maquete da rua da escola, então li o livro: Viajando em um balão - mapas e caminhos (Kate Petty, Editora Callis, 1994) , que conta à história de Bruno e seu cachorro Ralf, que viajam em um balão. As crianças puderam ver nesta história como é a visão do alto, na lateral e por baixo.

Pedi que subissem na cadeira e olhassem a carteira por cima, depois sentamos no chão e olhamos os armários da sala na lateral e por baixo. O livro mostrava o caminho que o personagem percorria de casa até a escola, os mapas de ruas, pontos de referência, características naturais.

Pedi que as crianças ao voltarem para casa deveriam prestar atenção no caminho que percorriam.

Ainda dentro da proposta de entender a necessidade de organização das ruas de um bairro, convidamos uma mãe que trabalha como carteira para ser entrevistada.

As crianças levantaram questões que gostariam de saber, em seguida se dividiram por interesse e organizaram como seria a ordem da entrevista.

Todos ficaram muito eufóricos, diante da oportunidade de falarem no microfone e serem filmados.

No dia da entrevista apenas uma criança se sentiu constrangida diante da câmera e teve que ser substituída, o que não atrapalhou em nenhum momento a atividade.

Para continuar as atividades da visualização da sala de aula, pedi que trouxessem caixas para representarmos nossa sala, que serviria como um ensaio da maquete da rua da escola.

Baseados no trabalho de estudo de campo na rua da escola concluíram que o bairro é residencial e a entrevista mostrou a importância do planejamento e organização das ruas e do bairro.

Infelizmente, a maioria das crianças não trouxe o material de sucata pedido, o que impossibilitou a construção da maquete da sala. Pedi então que pegassem as caixas de fósforo e embalagens de remédio e pasta de dente que alguns trouxeram e desenhamos em uma folha branca o mapa da sala.

As crianças sentadas em roda foram colocando as caixas de fósforo na posição das carteiras. Depois segundo orientações de direita e esquerda, frente e trás, cada um escreveu seu nome no desenho da representação de sua carteira.

Logo depois perguntei de que maneira poderíamos medir a sala de aula sem um instrumento de medidas formal. E as respostas foram: que eu poderia contar com passos e foi o que fiz, dei um passo e marcamos, com uma régua verificamos que meu passo media três réguas mais sete centímetros, outras crianças disseram que poderíamos contar quantos lajotões tinham da lousa até o final da sala. Mediram cada lajotão e conferiram que tem 30 centímetros e a sala tem 23 lajotões. Pedi que fizessem a conta para descobrir a medida de um passo meu. E pedi também que descobrissem a medida da largura da sala. Duas alunas trouxeram a resposta e expuseram para sala como conseguiram chegar ao resultado.

O próximo passo foi descobrirem a medida das carteiras. Em uma folha cada um deveria desenhar a sala, porém quando foram colocar no papel ficou muito pequeno, então combinamos fazer o desenho algumas vezes maior, no desenho a sala teria 18 cm de largura e 22,5 cm de comprimento e as carteiras teriam dois cm x 1,5 cm.

Pedi que em casa as crianças desenhassem o local em que dormem. Desta forma pude verificar a noção de perspectiva de cada um, em seguida expuseram seus desenhos e contaram para a classe com era seu quarto.

Como estávamos no mês do folclore, perguntei a eles o que era folclore, eles listaram diversas brincadeiras, jogos músicas e lendas, então voltei novamente ao livro

Crianças famosas: Portinari, e vimos à reprodução de algumas telas onde o artista retratava brincadeiras que marcaram sua infância (pipa, pião, diabolo, futebol).

As crianças, então, desenharam as brincadeiras de hoje e escreveram as regras destas e verificaram que muitas brincadeiras de hoje já existem há muito tempo. Fizemos a exposição dos desenhos na sala.

Com a releitura dos quadros, fomos visitar a Maria Fumaça, para termos uma idéia de como era o lugar onde Portinari cresceu, afinal Brodóski se formou a partir da estação ferroviária. Este passeio foi muito produtivo, todos se animaram muito. As crianças se interessaram muito por objetos antigos e através de uma palestra feita pelo monitor Henrique, descobriram a importância da Maria Fumaça para o desenvolvimento de muitas cidades, principalmente para regiões que produziam o café.

Viram na estação um dos primeiros telefones brasileiros, usado pelo Imperador, e a pilha usada naquela época, aprenderam que a Maria-Fumaça funciona como uma panela de pressão, através do vapor. Neste passeio também puderam perceber as diferenças da zona urbana e rural, viram pelas janelas da locomotiva, fazendas produtoras de café e leite.

Quando paramos na estação Tanquinho, conheceram um senhor de 102 anos, que viveu ali na época em que a Maria fumaça ainda estava na ativa e que hoje escreve versos e os declama, para matar as saudades daquele tempo. As crianças ficaram fascinadas.

Em sala de aula as crianças produziram um texto coletivo a respeito da visita e fizeram desenhos para expor em sala, ficaram bem visíveis as reflexões de Kramer (2001, p. 114), quando fala da importância da escrita significativa e de construção da história e do processo social.

Com a proximidade das eleições para prefeito, combinamos realizar uma simulação das eleições.

Pedi que pesquisassem no dicionário o que significava a palavra eleição, e com a resposta, falei sobre a importância de se registrar qual a fonte de pesquisa.

A seguir passei um roteiro de pesquisa a respeito de eleições, pedi também que procurassem saber qual documento necessário para votar. Um fato muito interessante foi que quando fui registrar o resultado da pesquisa as crianças me perguntaram se eu não ia escrever de onde foram retiradas as informações.

No dia seguinte três alunos vieram para aula com réplicas feitas por eles do título de eleitor, logo todos quiseram confeccionar o título. Outras crianças trouxeram “santinhos” de candidatos, então fizemos a simulação de um horário político onde os candidatos deveriam falar sobre o que gostariam de fazer pela cidade. Algumas crianças falaram de moradia, outras de segurança e educação, o que mostra que já tem noção sobre as necessidades da comunidade.

Vimos como era uma cédula de votação e eu levei uma foto da urna eletrônica. Fizemos uma urna, as crianças escolheram os mesários, eu fiz uma lista de presença e a eleição aconteceu em perfeita ordem. Terminada a votação fomos apurar os resultados e o Candidato Carlos Sampaio ficou em primeiro lugar com 9 votos, em segundo Hélio de Oliveira Santos com 3 votos e em terceiro Jonas Donizete com 1 voto, as crianças agiam como se estivessem realmente elegendo seus candidatos, até mesmo um dos alunos (que é especial) que dificilmente participa das atividades quis realizar todas as etapas do processo, principalmente ficar em frente das câmeras, após esta atividade construímos um gráfico de barras com o resultado das eleições.

Com toda a discussão das eleições voltamos a ver os temas dos quadros pintados por Portinari e as crianças perceberam como ele em grande parte de suas obras retrata o

sofrimento das pessoas, então através da biografia do artista vimos que o artista se candidatou a um cargo político, mas desistiu e viu que a melhor forma de denunciar as injustiças sociais era através da pintura, o que fez com grande sucesso. Então propus que eles também expressassem através de uma pintura o que gostariam de transformar. Alguns se detiveram a coisas do cotidiano como falta de orelhão, buracos nas ruas, outros se reportaram a assuntos maior abrangência como a poluição das águas, a situação da violência no país.

Voltando do feriado das eleições as crianças se mostraram interessados nos animais, talvez pelo fato do vereador mais votado na cidade ter sido um protetor de animais, então quiseram saber sobre a classificação destes.

Pedi que se dividissem em grupos: mamíferos, anfíbios, répteis, aves e peixes e que em casa pesquisassem sobre como se locomovem, como se alimentam, como se reproduzem, qual a cobertura de seu corpo.

Apenas três crianças fizeram a pesquisa, então eu trouxe alguns livros e revistas para sala, pedi que recolhessem informações e gravuras necessárias e orientei como deveria ser a organização de um cartaz, em seguida cada grupo apresentou para sala o resultado de seu trabalho que foi exposto no corredor da escola. No dia seguinte dois alunos trouxeram enciclopédias e mostraram para turma e um aluno trouxe duas fitas de vídeo uma sobre microcosmo e outra sobre peixes, todos assistiram com muita atenção.

Um aluno relatou que em sua casa aparecem muitos sapos, então através do resultado da pesquisa perceberam que este fato está ligado à localização da moradia (às margens do córrego) e pelo fato do sapo se alimentar de insetos e por ali ter muitos pernilongos concluíram aí a importância dos sapos no equilíbrio ambiental.

Com a proximidade da feira científica que aconteceria na Unicamp, as crianças ficaram eufóricas, se organizando e ordenando o material a ser exposto, decidiram então se empenhar mais na construção da maquete.

Dividiram-se novamente em grupos, forneci a cada um o xerox do mapa da rua (retirado da lista telefônica), e cada grupo ficou responsável por um quarteirão, sendo que um dos grupos faria dois quarteirões por causa do número insuficiente de grupos. A escolha dos quarteirões e de qual grupo ficaria com dois quarteirões foi feita através de sorteio e todos concordaram. Após o sorteio voltamos a rua para verificação do material necessário para confecção e distribuição de tarefas entre os membros dos grupos e combinaram que na semana seguinte iniciariam o trabalho.

Com a chegada do final do ano letivo, percebi que mesmo não conseguindo realizar alguns dos objetivos como, por exemplo, o estudo do bairro, o trabalho não ficou prejudicado, pois somente com o estudo da rua da escola muitas questões foram abordadas, como por exemplo: a importância do planejamento urbano, o controle de animais nas ruas, a sinalização do trânsito, a importância do saneamento básico, as relações de trabalho.

Refletindo sobre o projeto, acredito que não é o mais importante cumprir conteúdos ou terminar livros didáticos que reproduzem ainda hoje a ideologia repressora e capitalista, que impossibilita as reflexões e escolhas determinando o que e de que forma a criança deve aprender, e sim levar o aluno a experienciar, escolher, opinar e decidir sobre seu conhecimento. Outro diferencial neste projeto foi em relação às dinâmicas de sala de aula, em muitos momentos eu (professora) era apenas uma observadora e os alunos decidiam qual caminho trilhar.

O uso do registro com fotos e filmadora, a entrevista filmada, a narrativa do projeto, todos estes fatos fizeram com que as crianças se sentissem muito motivadas, conseguindo ver o porque de cada estudo e pesquisa.

Com a realização deste trabalho as crianças se mostraram muito colaborativas com os colegas que apresentavam dificuldades ou carências, e se envolviam muito em todas as atividades, perceberam que todos são capazes, alguns com facilidades em escrita, outros em cálculos, em oratória ou desenho, cada com potencialidades e características diferentes, o que elevou de forma significativa a auto-estima das crianças. Apenas um aspecto foi negativo, quando se tratava em trazer material de pesquisa de casa isso raramente aconteceu, com exceção de duas ou três crianças.

Durante o desenvolvimento das atividades, fizemos retornos nas leituras da biografia do pintor, eu enquanto professora, revi várias posturas minhas, mudando minha prática pedagógica em relação à transmissão de conhecimentos, deixando de ser mera informante e o tratamento de alguns resultados das pesquisas realizadas pelos alunos.

A visão dos alunos em relação a sua realidade e a Unidade Escolar se modificou de forma considerável, aumentando o respeito em relação ao ser humano, aos bens públicos, e principalmente aos recursos naturais. O visual da sala de aula mudou; cartazes, trabalhos coletivos, materiais didáticos passaram a ocupar lugar de destaque na sala, não só a quantidade, mas a qualidade dos trabalhos dos alunos, expostos na classe, alguns também nos corredores.

Há também relatos de mães, em reuniões de mães de pais e mestres o prazer e envolvimento dos filhos com a leitura e pesquisa, dando importância ao empréstimo dos livros da biblioteca.

As crianças passaram a socializar atividades com maior frequência e valorizar suas produções, elevando desta forma sua auto-estima.

Perceberam, principalmente, que cada um com sua participação em diversos setores da comunidade, fazem parte da coletividade e da história do local onde moram, da cidade do país e do mundo. Sujeitos construtores de sua própria história.

E NÃO PARA POR AQUI...

*“Sonho que se sonha só,
É só um sonho que se sonha só.
Mas sonho que sonha junto
É realidade”
Raul Seixas*

Ao rememorar minha trajetória ficou claro o papel político da instituição escolar, que legitima uma cultura dominante, excluindo aqueles que dela não tiveram a oportunidade de desfrutar, despejando a razão da exclusão ao caráter individual, ao fracasso pessoal.

É necessário que nós, que nos intitulamos educadores, possamos reverter coletivamente estas situações excludentes mudando o olhar para aqueles que nos esperam nos bancos escolares, deixando de focar o possível fracasso delegado por sua camada social, mas proporcionando situações de inclusão, deixando de lado a aparente igualdade de condição oferecida pela instituição escolar.

Para que estas reflexões sejam possíveis, é necessário momentos de coletividade, grupos, dispostos a lutar contra o que está posto, acreditando na construção de um Projeto Pedagógico pensado a partir de um sujeito que é construtor e transformador de sua história, no poder da escola inclusiva e proporcionadora de oportunidades de criação.

E principalmente, entender que, como já dizia Paulo Freire, “somos seres inconclusos”, devemos buscar sempre mais e nunca parar de acreditar...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, Pierre. A Economia das Trocas Simbólicas. São Paulo, Perspectiva, 1999. 5ª edição.

_____. Escritos de Educação. In: NOGUEIRA, Maria Luiza e CATANI, Afrânio (org.). Petrópolis, RJ, ed. Vozes, (1998).

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

FARIA, Ana Lúcia G. Direito à Infância: Mario de Andrade e os parques infantis para as crianças de família operária na cidade de Educação, Universidade de São Paulo, 1993.

FREIRE, Paulo. A importância do Ato de Ler: em três artigos que se complementam. São Paulo, ed. Cortez, 1982.

KRAMER, Sônia. Linguagens, espaços e tempos no ensinar e aprender. Rio de Janeiro, RJ, DP&A, 2001. 2ª edição.

LEI Nº 9394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

PEIXOTO, Alvarenga. A Poesia dos Inconfidentes. Rio de Janeiro, RJ. E. Nova Aguilar, 1996.

SAVIANI, Dermeval. Escola e Democracia. Campinas, SP, Mercado de Letras, 1994.